
IMAGINÁRIO COLETIVO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE MENTAL SOBRE O ENVELHECIMENTO

CRISTIANE HELENA DIAS SIMÕES

Faculdade de Americana - SP - Brasil

MARCELA CASACIO FERREIRA-TEIXEIRA

Pontifícia Universidade Católica de Campinas - SP - Brasil

TANIA MARIA JOSÉ AIELLO-VAISBERG

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica de
Campinas - SP - Brasil

RESUMO

Esse artigo teve como objetivo investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de trabalhadores de saúde mental sobre o envelhecimento. Esses trabalhadores foram entrevistados com a apresentação de fotografias de pessoas e solicitadas associações imaginativas. O material obtido foi considerado à luz do método psicanalítico, permitindo a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional. O primeiro, "Sofrimento e solidão", bastante expressivo, organiza-se ao redor da crença de que essa fase caracteriza-se essencialmente pelo sofrimento. O segundo campo, denominado "Não importa a idade", expressa-se de modo mais tênue, veiculando timidamente a crença de que é possível ser idoso e viver de modo prazeroso. Este quadro geral aponta por um lado, a valorização da juventude, porém revela movimentos significativos face às possibilidades positivas da velhice.

Palavras-chave: *Velhice; idoso; imaginário coletivo; Psicanálise*

ABSTRACT

MENTAL HEALTH WORKERS' COLLECTIVE IMAGINING ABOUT AGING

The purpose of this article was to investigate the collective imaginary of mental health workers about aging based on a psychoanalytic approach. These workers were interviewed about associations they would make about people's photographs. The material obtained was considered in the light of psychoanalysis referential which allowed the interpretative production of two affective-emotional domains of sense. The first one "Suffering and loneliness", was very expressive, was organized upon the belief that this period is characterized mainly by suffering. The second field, named "age is not important", is expressed in a more tenuous way, timidly conveying the belief that it is possible to be elderly and live pleasantly. This general framework points, by one side, to the valuing of youth, but it also reveals significant changes towards the possibilities of old age.

Key words: *Old age; elderly; collective imaginary; Psychoanalysis.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte das investigações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa intitulado “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”, cuja temática é a investigação-intervenção sobre imaginários coletivos relativos a figuras sociais, que têm sido vítimas de exclusão mais ou menos declarada, tais como soropositivos, deficientes físicos, homossexuais, usuários e ex-usuários de drogas, pacientes com diversas patologias orgânicas, pessoas obesas, crianças adotadas e outros. Este estudo tem o objetivo de investigar o imaginário coletivo dos profissionais da saúde mental sobre o envelhecimento. Partindo do conjunto dos trabalhos mais recentes do grupo, pode-se afirmar que, em sua prática, profissionais que lidam com pessoas de modo muito próximo, tal como ocorre nas áreas da Saúde e da Educação, são influenciados diretamente tanto pelos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos na educação formal, como também pela atividade imaginativa, que inclui valores e crenças socialmente compartilhados (Ávila, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Ribeiro, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Russo, Couto & Aiello-Vaisberg, 2009; Tachibana, 2011; Pontes, 2011; Simões, 2012). Desse modo, assume-se que ao estudar o imaginário é possível obter boas pistas daquilo que provavelmente está sendo praticado pelos profissionais de saúde mental no seu cotidiano com pacientes psiquiátricos idosos.

O conceito de imaginário tem sido muito usado no campo das ciências humanas, de modo geral, sob acepções nem sempre coincidentes, na medida em que se alinham a diferentes perspectivas filosóficas (Belinsky, 2007; Dortier, 2010; Giust-Desprairies, 2002). Também no campo da Psicologia (Galimberti, 2003) assume significados diferentes segundo os referenciais teóricos utilizados, aparecendo mais freqüentemente em textos lacanianos ou na obra de Gilbert Durant (1993), autor que se inspira no pensamento junguiano. Nesta pesquisa, este termo é usado com um sentido preciso, segundo indicações metodológico-conceituais de Bleger (1963), para abranger manifestações de conduta de subjetividades grupais a partir de dimensões históricas, sociais, culturais, psíquicas e emocionais. Assim, o imaginário não é entendido como fenômeno puramente e exclusivamente mental, mas como conduta unitária passível de se expressar segundo modos psíquicos ou de atuação, que pode inclusive gerar produtos materiais. A determinação causal de toda atividade imaginativa, seja qual for a sua área de expressão, simbólica, corporal ou de atuação no mundo externo, ainda que tais expressões sejam coincidentes ou contraditórias, será buscada na dimensão afetivo-emocional subjacente, que é, via de regra, não consciente. Dito de outra maneira são abordados psicanaliticamente imaginários coletivos, o que implica diretamente na identificação de produções imaginativas como na criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocionais, a partir das quais emergem as condutas.

O Brasil se caracteriza por um processo de acelerada transição demográfica, marcada por um grande aumento da população idosa. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, o crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010. Existe uma expectativa de que nos próximos 20 anos a população idosa do Brasil possa ultrapassar os 30 milhões de pessoas e, assim, deva representar quase 13% da população ao final deste período.

O aumento potencial de idosos impactou os diferentes campos da saúde, em especial, o da saúde coletiva, já que essa parcela da população está cada vez mais presente no cotidiano dos atendimentos da rede pública (Higginson & Koffman, 2005; Fonseca, Trentini, Valli & Silva, 2008). Na saúde mental, o cenário é similar. Algumas pesquisas mostram a incidência significativa de doenças mentais nessa população, destacando as demências e depressões (Garrido & Menezes, 2002; Maia, Durante & Ramos, 2004; Lebrão & Laurente, 2005; Gil, Oliveira & Tardivo, 2003; Gil, 2005; Anderson, Nortcliffe, Dechenne & Wilson, 2011; Hurt, Burns, Brown & Barrowclough, 2011, Lenoir et al., 2011). No entanto, como revela o estudo de Gazalle, Hallal e Lima (2004), a depressão é pouco investigada pelos médicos em ambientes clínicos, fato que complica ainda mais os cuidados clínicos peculiares nesse período da vida, ocasionando lacunas no que diz respeito à possibilidade de promoção de saúde mental dessa população.

No que se refere aos aspectos psicológicos, estudos apontam que a figura do idoso pode estar relacionada tanto ao esvaziamento dos papéis e a perdas diversas, como também à possibilidade de enfrentamento saudável das conseqüências naturais do envelhecimento, de forma participativa e integrada (Ferrigno, 2006; Neri, Yassuda & Cachioni, 2004). Tal fato evidencia a importância de considerar a singularidade e a subjetividade de cada idoso (Gil, 2005).

Deve-se destacar que os trabalhadores de saúde mental, por se encontrarem imersos em um campo profissional que implica o contato inter-humano, acabam sendo emocionalmente mobilizados pelos pacientes, no caso pelos pacientes idosos, em seu cotidiano de trabalho. Assim, sua atuação não se limita à aplicação de conhecimentos técnicos, mas exige um intercâmbio constante entre seu saber racional e dimensões afetivas, que abrangem aspectos sensíveis e imaginários.

Dessa maneira, acredita-se que pesquisas do imaginário coletivo podem contribuir na compreensão dos aspectos afetivo-emocionais implícitos na atuação cotidiana dos profissionais, na medida em que podem produzir conhecimento que contribua com a superação de dificuldades frente ao paciente psiquiátrico idoso. Estudando o imaginário dos profissionais, pretende-se produzir conhecimentos compreensivos sobre o modo como eles se posicionam em termos de ideias, emoções e crenças sobre os idosos que atendem.

MÉTODO

Participantes

A presente pesquisa foi realizada com 17 trabalhadores de saúde mental, sendo 11 mulheres e 6 homens, com idades variando entre 28 e 60 anos, com diferentes formações: médicos psiquiatras, terapeutas ocupacionais, psicólogos, farmacêutico, assistente social, educadores físicos, enfermeiros e nutricionista. Compunham uma equipe de uma instituição privada do interior paulista, que atende pacientes com diagnósticos de transtornos mentais, de ambos os sexos. A assistência hospitalar ou hospital-dia aí se efetiva por meio de modelo terapêutico grupal, em ambiente que busca respeitar a identidade do indivíduo numa abordagem multiprofissional integrada. Todos os profissionais que trabalhavam naquele momento na instituição aceitaram participar da pesquisa. Inclusive essas entre-

vistas foram realizadas dentro da carga horária de cada um, de acordo com suas disponibilidades, de modo que não interferisse na rotina hospitalar.

Instrumentos

Os profissionais foram abordados por meio de entrevistas individuais que têm sido consideradas, no contexto da pesquisa sobre imaginários coletivos, como um enquadre psicanalítico diferenciado denominado “Entrevista Individual para Abordagem de Pessoalidade Coletiva” (Ferreira, 2004). Esta se caracteriza, fundamentalmente, pelo fato do indivíduo ser abordado como integrante representativo de uma subjetividade coletiva (Bleger, 1963; Goldmann, 1974) e por se organizar a partir de diretrizes transicionais. Articula-se, assim, ao redor do uso de mediadores dialógicos como o jogo de rabisco de Winnicott. Esse jogo foi idealizado com o objetivo clínico de usar o método psicanalítico em um enquadre diferenciado, denominado “consulta terapêutica”, mediante o qual crianças e suas mães eram atendidas em contexto institucional. Consistia, segundo seu autor, em instaurar um campo relacional lúdico e acolhedor, um ambiente suficientemente bom, que favorecesse a emergência de comunicações significativas. Assim, da mesma forma, na entrevista pretendia-se tornar maximamente visível a dimensão lúdica, para facilitar a expressão subjetiva menos defensiva de questões existenciais, eventualmente angustiantes, bem como seu acolhimento pelo pesquisador (Aiello-Vaisberg, 2004).

No presente caso, nas entrevistas foi utilizado um conjunto de dez retratos de pessoas¹ que apresentam diferentes expressões fisionômicas e encontram-se em diferentes situações cotidianas. A escolha das fotos foi inspirada, evidentemente, nos consagrados procedimentos de apercepção temática que, segundo Shentoub (1981), são formas indiretas de investigar a experiência emocional. Duas fotografias apresentam claramente pessoas idosas e provocaram associações conexas à condição etária aí representada. As duas fotos referentes a pessoas idosas estão no Anexo 1. As demais fotos podem ser descritas brevemente do seguinte modo: 1) homem por volta de 50 anos parado na rua, usando uma bengala; 2) homem por volta de 40 anos deitado em banco da praça com a mão na testa cobrindo seu rosto; 3) um homem e uma mulher, aproximadamente 50 anos, sentados lado a lado numa mureta de um local não identificável; 4) homem parecendo um andarilho, andando pela rua; 5) homem com cigarro na mão ao lado de uma mulher, ambos com idade por volta de 40 anos ao lado de uma criança pequena; 6) grupo de jovens pelas ruas da cidade; 7) mulher em uma sacada e 8) duas jovens caminhando numa praia.

Vale ainda ressaltar que o fato de pessoas de outras faixas de idade estarem presentes nas fotos serviu ao propósito de deixar transitoriamente encoberta a intenção do pesquisador de focalizar o imaginário relativo ao idoso, o que também vem sendo feito na investigação de imaginários coletivos eventualmente ligados a preconceitos sociais (Aiello-Vaisberg, 1995; Miranda, Furegato & Azevedo, 2008).

¹ Esse conjunto de dez fotos foi selecionado no grupo de pesquisa, a partir de álbuns de um fotógrafo não-profissional, o médico psiquiatra e psicanalista Marco Antonio Belluzzo, que permitiu, gentilmente, o uso desse material para a realização desta pesquisa.

Procedimento

O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas sob número 294/09. Todos os trabalhadores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram cuidadosamente protegidos, conforme os princípios éticos de pesquisas com seres humanos.

Nas entrevistas individuais foi solicitado que cada participante contasse que tipo de associações imaginativas cada uma das dez figuras provocava. Foi dada a seguinte instrução: “*Diga-me o que estas fotos fazem você pensar sobre cada uma delas, seguindo sua própria imaginação*”. Assim, foi apresentada uma foto por vez para que, a cada imagem vista, o participante pudesse associar imaginativamente. Decidiu-se pedir ao profissional uma associação, ao invés da invenção de histórias, porque esta pareceu ser uma tarefa mais fácil a ser cumprida pelos profissionais da área da saúde mental.

Este mediador dialógico utilizado guarda familiaridade evidente com o Teste de Apercepção Temática - TAT (Murray, 2005), originalmente criado com o intuito de desvelar aspectos inconscientes da personalidade. O TAT continua sendo amplamente utilizado, até hoje, tanto na clínica como na pesquisa, como bem atestam, por exemplo, os trabalhos de Brelet-Foulard e Chabert (2005) e, em nosso país, o de Parada e Barbieri (2011). Entretanto, preferiu-se utilizar uma instrução mais semelhante àquela utilizada na prova de Rorschach (Gavião, 2002), evitando fazer apelo a uma maior organização cognitiva do material. Fica, assim, evidente, que o instrumento se baseou em procedimentos de uso consagrado no campo da Psicologia, o que permitiu um acesso à subjetividade grupal sobre o idoso, segundo uma visão transicional do processo projetivo. Tal abordagem vem sendo desenvolvida nas pesquisas brasileiras de Aiello-Vaisberg (1995, 1999); Barcelos, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2010); Fialho, Montezi, Fernandez e Aiello-Vaisberg (2012); Tachibana, Beaune e Aiello-Vaisberg (2013); Simões, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2013).

O registro das associações diante das fotos foi realizado por meio de anotação escrita, pela própria entrevistadora, no momento da entrevista. Tal prática visou facilitar o fluxo imaginativo dos participantes, já que não precisariam escrever durante o encontro. O tratamento do material clínico foi feito sob forma de produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional, segundo os passos constitutivos do método psicanalítico: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido” (Herrmann, 1979/1991, 2001).

O processo de interpretação psicanalítica de condutas humanas (no caso as associações produzidas diante das fotos) corresponde, numa perspectiva epistemológica de caráter dramático e compreensivo (Politzer, 1928/2004), a um processo “*sui-generis*” de criação/ encontro de sentidos afetivo-emocionais potenciais, subjacentes ao que se manifesta. Trabalha-se, assim, com uma noção segundo a qual o inconsciente seria inerentemente *relativo* a esta ou àquela manifestação, uma espécie de campo pré-reflexivo a partir do qual emergiria a atividade humana (Herrmann, 1979/1991; Aiello-Vaisberg & Machado, 2008). Nesta linha, interpretar não corresponde a decifrar conteúdos supostamente alocados numa instância intrapsíquica, mas a apreender as configurações de um campo cujo caráter lógico-emocional criaria como que um território existencial, onde certas crenças, certas regras e certos valores determinam o que pode e o que não pode ocorrer.

A criação/ encontro dos sentidos potenciais, que se conformam como campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, se faz por uma via na qual se integram percepções

sobre conjuntos que integram ideias e afetos, que são captados por via contratransferencial (Devereux 1967/2012). Na prática, o material associativo de todos os participantes foi distribuído entre os membros do grupo de pesquisa, composto, na ocasião, por 15 pesquisadores psicanaliticamente capacitados, que cumpriram os passos metodológicos do “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido”. Este processo já inclui a definição e denominação dos campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos. Posteriormente, numa segunda etapa, cada integrante apresenta suas interpretações, do que usualmente resulta uma seleção daquelas que revelam maior potencialidade heurística na compreensão das condutas dos participantes. Deste modo, chega-se, por consenso, aos organizadores ou estruturantes das manifestações humanas, que consiste em um modelo que visa conferir inteligibilidade ao fenômeno estudado. Deste modo, é alargada a compreensão sobre a complexidade do fenômeno, o que se contrapõe à ideia de busca de um sentido único, pré-existente e verdadeiro, cabendo a cada interpretação evocar uma proliferação de sentidos possíveis.

RESULTADOS

O material produzido durante os encontros com os participantes nas entrevistas, diante das fotos que retratavam pessoas idosas, permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional que foram denominados como “Sofrimento e solidão” e “A idade não importa”. A partir de uma avaliação qualitativa, já que as unidades ou elementos não podem ser contabilizados, percebe-se que o primeiro campo surge com maior ênfase do que o segundo. Deste modo, fica claro que o imaginário do coletivo estudado configura-se majoritariamente por uma visão pessimista sobre a velhice, ainda que seja capaz de conceber imaginativamente outros modos de vivenciar esta etapa da vida.

O primeiro campo de sentido afetivo-emocional surgido das produções organizou-se ao redor da crença de que a velhice traria consigo intenso sofrimento emocional, perdas e isolamento. Tal material apareceu por meio de várias menções, bastante expressivas, que apontavam claramente que o idoso enfrenta diversas dificuldades de diferentes âmbitos. Como exemplos desse campo, foram selecionadas as seguintes associações:

“Senhor solitário... talvez a gente aprenda a viver na solidão... uma parte é ser solitário e conviver com isso não é fácil... tenho falado muito de solidão né? Talvez seja, porque em muitos momentos me sinto sozinho.”

“É um senhorzinho tão sofrido... trabalhou muito e agora está parado e pensando no que pode fazer da vida agora... eu tenho muito dó de idosos, no fim da vida e muitas vezes ainda são judiados.”

“Idoso, provavelmente está aposentado, sentado num bando da praça... uma cena comum... não me parece muito alegre, está pensativo e sozinho.”

“A desolação da velhice... aqui alguém que não tem perspectiva de vida.”

“Envelhecimento traz muita solidão, um distanciamento até entre eles mesmos... uns aceitam o envelhecimento, já outros não.”

“Uma velhice mais sofrida mesmo, mais deprimida.”

“Senhorzinho em uma cidade pequena, sozinho, foi para a praça, pensar na vida... tem um olhar envelhecido, meio tristonho, sozinho.”

“Essa é a melhor idade, a juventude, o grupo e não a terceira idade... como vem se dizendo.

“A evolução natural... da velhice... isolamento e solidão... apesar desse contato com a natureza que está em volta... olhando para as pessoas parece ser uma questão mais deprimida, principalmente em relação a essa senhora... (apontando ser, pela sua postura na foto).”

“Sensação de sofrimento, não atende mais suas necessidades, pode até ter potencial, mas não tem mais força física... reconhece que está chegando ao fim... vai perdendo tudo... parece estar sem os dentes... de estar abandonado... Sabe, eu tenho dificuldades com essa questão da idade, do envelhecimento, de compreender esse processo tanto é que já falei muito disso em análise.”

O segundo campo de sentido, “A idade não importa”, seria regido pela regra lógico-emocional de que os idosos conseguiriam ter uma vida saudável e prazerosa, com possibilidades de manutenção de vínculos afetivos significativos e de gratificação erótica saudável. A seguir são apresentadas associações que exemplificam esse campo:

“Velhice... com a questão da sexualidade dos idosos... as pessoas estão vivendo cada vez mais e estão buscando estabelecer vínculos, mesmo sabendo que a morte pode estar próxima... eles estão se permitindo... se aproximando.”

“É uma situação de paquera na terceira idade... um movimento de aproximação.”

DISCUSSÃO

Sofrimento, tristeza e solidão são condições inerentes ao envelhecimento? É o que foi encontrado inicialmente no imaginário coletivo dos profissionais da saúde mental. Tal fato pode indicar que esses trabalhadores estão desanimados e desmotivados frente aos cuidados com o paciente idoso. Em um âmbito concreto, esse imaginário afeta não somente a clínica, mas também qualquer situação inter-humana, seja no âmbito pessoal, familiar, em áreas específicas como a educação, assistência social, entre outras.

Os profissionais entrevistados, dependendo da clientela da clínica, podem ter contato diário com pacientes idosos, cujo ingresso e permanência são baseados em um diagnóstico psiquiátrico, muitas vezes, de depressão com sintomas psicóticos e/ou risco de suicídio. Sem dúvida, é preciso considerar esse contexto de trabalho dos profissionais como fundamental nessa pesquisa, explicando o campo que traz uma visão mais pessimista da idade avançada, na medida em que subjaz a recordações e associações mais tristonhas e desanimadas.

Considerar qualquer ser humano, em qualquer situação que seja, como isolado das situações reais, históricas e presentes, como se todas as características fossem fixas, determinadas e imutáveis (Bleger, 1963), é um dos erros conceituais e metodológicos mais sérios, do ponto de vista da Psicologia psicanalítica concreta. Desse modo, lidar com idosos, considerando apenas sua idade, e não todas as situações da vida individual e singular de cada um, hábitos de saúde e outras circunstâncias, seria um equívoco. No imaginário dos trabalhadores aqui estudados, ter uma vida saudável, com qualidade

e sexo prazeroso, parece sinônimo de algo que pertenceria apenas à fase da juventude e não a condições que cada pessoa possa conquistar nos diferentes momentos de vida.

Ao se pensar que os discursos conscientes acerca de trabalhos da saúde mental geralmente estão pautados nas possibilidades de motivar e dar esperança ao idoso, quando é encontrado esse imaginário, aqui manifestado, ocorre uma aproximação de atividades imaginativas que revelam o negativo daquilo sustentado pelo discurso consciente. Esta seria uma dissociação no cuidado, no sentido winnicottiano do termo, que dificultaria espontaneidade e integração entre o ser e o fazer? (Winnicott, 1975; Aiello-Vaisberg, 2004). Esta seria uma dissociação de campos de uma conduta, situação na qual o indivíduo pode perder, em algum grau, o sentido de realidade?

Na nossa cultura ocidental, parece praticamente impossível pensar na aproximação do final da vida como algo natural, tranqüilo e satisfatório. Tal fato instiga a pensar, à luz do jogo winnicottiano da espátula, que os encontros inter-humanos tendem a adotar uma estruturação em termos da sucessão de períodos de aquecimento ou aproximação, envolvimento e desapego em relação ao mundo em que vivemos (Winnicott, 1941/2000). Ao longo do desenvolvimento de um indivíduo, ocorre um processo contínuo de metamorfoses, nas quais são veiculadas experiências existenciais cada vez mais amplas e mais sofisticadas, que se iniciam no nascimento e terminam com a possibilidade da morte, que aí se inclui como parte do processo de amadurecimento e da experiência de self (Safra, 1999).

O segundo campo de sentido afetivo-emocional, aqui produzido interpretativamente, anuncia que a fase da velhice pode vir acompanhada de bem-estar e qualidade de vida. Apesar de menos expressivas, são essas ideias tímidas que acabam corroborando com pesquisas que escutaram os idosos e revelaram as percepções desse grupo acerca de suas próprias vidas, com índices altos de satisfação no viver (Gavião, 2002; Moraes & Witter, 2007; Mengarda, 2002). Também são ideias defendidas na atualidade, acompanhando os movimentos sociais contra exclusão do idoso e que dialogam com a antiga percepção de sabedoria e experiência da velhice.

Esse campo aponta para uma abertura, ampliando a visão da velhice como fase que se limita ao aumento das fragilidades, sugerindo uma possibilidade do envelhecer como processo natural, que pode ser saudável. Apresenta a ideia de que os idosos podem, sim, manter-se vigorosos e ativos.

Atualmente são encontrados vários movimentos sociais em defesa da terceira idade, fundamentados nos direitos humanos, que buscam uma sociedade justa e inclusiva. Tais iniciativas são dotadas de certa potência, que se concretizam pela denúncia do fenômeno de exclusão do idoso e a favor do estabelecimento de relações intergeracionais solidárias e respeitadas. Nesse sentido, abrem-se possibilidades para a visão do viver na velhice com sentido, criatividade e saúde.

A promoção de um viver mais pleno, significativo e saudável para os idosos, exige que a sociedade se sensibilize e que políticas públicas sejam efetivas no sentido de criar condições favoráveis ao atendimento das necessidades da população. Tal como apontam Gazalle, Hallal e Lima (2004), o aumento dessa população em países desenvolvidos, se deu às custas da melhoria na qualidade de vida e da preparação de serviços médicos. Nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, esse aumento se deu pelas melhorias de tecnologia médica, que permite a cura de doenças antes fatais. Contudo, os serviços de saúde e a sociedade, como um todo, não parecem preparados para lidar com o cuidado dos idosos

Portanto, esta pesquisa indica que o coletivo entrevistado, vale dizer, o profissional de saúde mental, reconhece a velhice como triste e solitária. Entretanto, também é capaz de conceber a possibilidade de outro modo de viver esta fase da vida, mais gratificante, mais criativo, mais saudável. Parece que esse sujeito coletivo se conduz por raízes afetivo-emocionais desconfiadas sobre novas alternativas à velhice problemática, que incluiriam desde a boa saúde até a oportunidade de vivenciar experiências prazerosas.

A presente pesquisa apresenta as limitações características das investigações qualitativas, no sentido de apenas produzir um conhecimento de caráter local, que não pretende generalizações universais. Trata-se do tipo de iniciativa que deve servir para incentivar a realização de outras pesquisas, que possam trazer subsídios para o trabalho com idosos no campo da saúde básica e da saúde mental. Afinal, o imaginário coletivo criado/encontrado nesta investigação se mostrou um material importante, que pode ser valioso para profissionais e equipes que lidam com idosos, evitando uma clínica pessimista, impotente e dissociada.

REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1995). Uso de procedimentos projetivos na pesquisa das representações sociais: Projeção e transicionalidade. *Psicologia USP*, 6 (2), 103-127.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a loucura: Transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de Livre Docência. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2004). *Ser e fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. São Paulo: Idéias e Letras.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da teoria dos campos. In: J. Monzani & L. R. Monzani, (Orgs.), *Olhar: Fábio Herrmann uma viagem psicanalítica*. (pp. 311-324). São Carlos: Pedro e João Editores/CECH – UFSCar.
- Anderson, D.; Nortcliffe, M.; Dechenne, S. & Wilson, K. (2011). The rising demand for consultation-liaison psychiatry for older people: Comparisons within Liverpool and the literature across time. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 26 (12), 1231-1235.
- Ávila, C.F.; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia*, 18, 155-164.
- Barcelos, T.F.; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12 (1), 85-96.
- Belinsky, J. (2007). *Lo imaginário: Un estudio*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- Bleger, J. (1963). *Psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brelet-Fourlard, F. & Chabert, C. (2005). *O novo manual do TAT: Abordagem psicanalítica*. São Paulo: Vetor.
- Devereux, G. (2012). *De l'angoisse à la method dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion. (Original publicado em 1967).

- Dortier, J-F. (2010). *Le dictionnaire des sciences humaines*. Paris: Editions Sciences Humaines.
- Durand, G. (1993). *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod.
- Ferreira, J.C. (2004). *Encontrando a mulher: A Psicanálise do self na abordagem do singular plural*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ferrigno, J.C. (2006). A identidade do jovem e a identidade do velho: Questões contemporâneas. In: Serviço Social do Comércio. Departamento Regional do Comércio. Pontifícia Universidade de São Paulo, *Velhices: Reflexões contemporâneas*. (pp. 111-124). São Paulo: SESC: PUC.
- Fialho, A.A.; Montezi, A.V.; Fernandes, R.A. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012). O imaginário coletivo de universitários sobre a África: Um estudo preliminar. *Anais do Colóquio Internacional Culturas Jovens. Afro-Brasil América: encontros e desencontros*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 1. Disponível em: http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/12477.pdf. Acesso em 20/06/2014.
- Fonseca, R.P; Trentini, C.M.; Valli, F. & Silva, R.A.N. (2008). Representações do envelhecimento em agentes comunitários da saúde e profissionais da enfermagem comunitária: Aspectos psicológicos do processo saúde-doença. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13 (4), 1275-1284.
- Galimberti, U. (2003). *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Garrido, R. & Menezes, P.R. (2002). O Brasil está envelhecendo: Boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24 (1), 3-6.
- Gavião, A.C.D. (2002). *A passagem do tempo e suas ressonâncias íntimas: Psicanálise, Rorschach e envelhecimento*. São Paulo: Vetor.
- Gazalle, F.K.; Hallal, P.C. & Lima, M.S. (2004). Depressão na população idosa: Os médicos estão investigando? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26 (3), 145-149.
- Gil, C.A. (2005). *Envelhecimento e depressão: Da perspectiva psicodiagnóstica ao encontro terapêutico*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gil, C.A.; Oliveira, I.T. & Tardivo, L.S.P.C. (2003). O uso do teste de apercepção para idosos (SAT) no diagnóstico compreensivo. *Anais do Congresso Latino Americano de Rorschach y Otras Técnicas Proyectiva: Transformaciones en la subjetividad: Retos a la Psicología y sus Instrumentos*, 7. Tradinco, Montevideo, Uruguay, 396-404.
- Giust-Desprairies, F. (2002). Representation et imaginaire. In: J. Barus-Michel, E. Euriquez & A. Levy, *Vocabulaire de Psychosociologie*. (pp. 231-250). Paris: Eres.
- Goldmann, L. (1971). Pensée dialectique et sujet transindividuel. In: L. Goldmann, *La Création culturelle dans la société moderne*. (pp. 121-154). Paris: Gonthier.
- Herrmann, F. (1991). *Andaimes do real: O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1979).
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Higginson, I.J. & Koffman, J. (2005). Public health and palliative care. *Clinics in Geriatric Medicine*, 21 (1), 45-55.
-

- Hurt, C.S.; Burns, A.; Brown, R.G. & Barrowclough, C. (2011). Why don't older adults with subjective memory complaints seek help? *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 27 (4), 394-400.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE- (2010). Primeiros resultados definitivos do Censo 2010: População do Brasil é de 190.755.799 pessoas. Disponível em: : http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1
- Lebrão, M.L. & Laurente, R. (2005). Saúde, bem-estar e envelhecimento: O estudo SABE no Município de São Paulo. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 8 (2), 127-141.
- Lenoir, H, Dufouil, C., Auriacombe, S., Lacombe, J.M., Dartigues, J.F, Ritchie, K. & Tzourio, C. (2011). Depression history, depressive symptoms, and incident dementia: The 3C Study. *Journal of Alzheimer´s Disease*, 26 (1), 27-38.
- Maia, L.C.; Durante, A. M. G. & Ramos, L. R. (2004). Prevalência de transtornos mentais em área urbana no norte de Minas Gerais, Brasil. *Revista Saúde Pública*, 38 (5), 650-656.
- Mengarda, C.F. (2002). *Homens que ultrapassam os obstáculos da idade: A vida além da expectativa de vida*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Miranda, F.A.N.; Furegato, A.R.F. & Azevedo, E.M. (2008). Práticas discursivas e silenciamento do doente mental: Sexualidade negada? *Revista de Enfermagem*, 12 (1), 136-142.
- Moraes, N.A.S. & Witter, G.P. (2007). Velhice: Qualidade de vida intrínseca e extrínseca. *Boletim Psicologia*; 57 (127), 215-238.
- Murray, H.A. (2005). *Teste de Apercepção Temática*. (3ª ed. adaptada e ampliada). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1943).
- Neri, A.L.; Yassuda, M.S. & Cachioni, M. (2004). *Velhice bem sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas: Papyrus.
- Parada, A.P. & Barbieri, V. (2011). Reflexões sobre o uso clínico do TAT na contemporaneidade. *Psico-USF*, 16 (1), 117-125.
- Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da Psicologia: Psicologia e psicanálise*. (2ª ed.). São Paulo: UNIMEP. (Original publicado em 1928).
- Pontes, M. L. S. (2011). *A hora H: O imaginário coletivo de profissionais de saúde sobre a adolescência*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Ribeiro, D.P; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). A experiência emocional do estudante de Psicologia frente à primeira experiência clínica. *Alethéia*, 28, 135-145.
- Russo, R.; Couto, T.H.A.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). O Imaginário coletivo de estudantes de Educação Física sobre pessoas com deficiência. *Psicologia e Sociedade*, 21, 250-255.
- Safra, G. (1999). *A face estética do self: Teoria e clínica*. São Paulo: Idéias e Letras.
- Shentoub, V. (1981). TAT: Test de créativité. *Psychologie Française*, 26 (11), 66-70.

- Simões, C.H.D. (2012). *Sofredores, impostores e vítimas da sociedade: Imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Simões, C.H.D.; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). O imaginário coletivo de técnicos de enfermagem sobre o paciente psiquiátrico. Anais da XI *Jornada Apoiar. Adolescência: Identidade e sofrimento social na clínica social*. São Paulo. Disponível em: <http://serefazer.psc.br/o-imaginario-coletivo-de-tecnicos-de-enfermagem-sobre-o-paciente-psiquiatrico/>.
- Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: O imaginário da equipe de enfermagem sobre a gravidez interrompida*. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Tachibana, M.; Beaune, D. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Mãe feliz, profissional infeliz: O imaginário coletivo de estudantes sages femmes sobre a sua profissão. *Actas de II Congresso Iberoamericano / III Luso-Brasileño de Psicologia de la Salud*. Faro: CIEO - University of Algarve, article 180. Disponível em: <http://serefazer.psc.br/mae-feliz-profissional-infeliz-o-imaginario-coletivo-de-estudantes-sages-femmes-sobre-a-sua-profissao>. Acesso em 20/06/2014.
- Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens (1971/1975). In: D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. (J. O. A. Abreu e V. Nobre, trad.). (pp. 108 -138). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971).
- Winnicott, D.W. (2000). A observação de bebês numa situação padronizada. In: D. W. Winnicott. *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas*. (pp.112-132). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1941).

Recebido em 28/02/13

Revisto em 15/07/14

Aceito em 18/07/14.

ANEXO 1

Duas fotos de idosos mostradas na entrevista

